

ENERGIA

Cooperativas de energia buscam diversificação de fontes de geração

Produção renovável tende a continuar sendo incentivada, e mercado gaúcho quer entrar cada vez mais nesse cenário

Jefferson Klein
jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Com vasta experiência na produção de energia através de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs), as cooperativas gaúchas de eletrificação rural procuram ampliar a atuação com outras fontes renováveis, como a eólica e a solar. O apontamento é feito pelo presidente da Federação das Cooperativas de Energia, Telefonia e Desenvolvimento Rural do Rio Grande do Sul (Fecoergs), Erineo José Hennemann.

O dirigente, que exerce ainda a presidência da Certel, de Teutônia, lembra que o Sistema Fecoergs é composto por 25 cooperativas que trabalham com a geração e a distribuição de energia elétrica, além do fornecimento de internet. A ação delas abrange 369 municípios gaúchos, atendendo em torno de 1 milhão de consumidores. Sob seu guarda-chuva, há 33 usinas em operação atualmente.

Jornal do Comércio - Na área de geração de energia, as cooperativas gaúchas, historicamente, sempre tiveram muito sucesso com experiências relacionadas a pequenas centrais hidrelétricas (PCHs). O que explica isso?

Erineo José Hennemann - Daqui para frente, haverá, cada vez mais, o foco na geração de energia. Isso já foi entendido pelo sistema cooperativo e por isso que ele está investindo nessa área. Hoje, com o preço dos combustíveis, se enxerga em um futuro muito próximo o aumento do uso do carro elétrico. E não adianta ter veículos elétricos se não tivermos energia gerada de forma ambientalmente correta, renovável. O sistema (cooperativo) está investindo não só em hidreletricidade, mas também em geração eólica e solar para nos

prepararmos para ter um parque gerador de energia que atenda às demandas do futuro.

JC - Essa é uma tendência do cooperativismo? A diversificação das fontes?

Hennemann - Sem dúvida. A geração eólica e a solar vieram para ficar. Toda a produção renovável será mais incentivada e precisamos fazer com que a gente consiga entrar mais nesse cenário.

JC - A Certel é uma das cooperativas que pensa assim, já que pretende implementar um parque eólico (em Teutônia). Como está esse empreendimento?

Hennemann - As leituras de velocidade e direção do vento estão dentro do esperado até agora, mas vamos medir por três anos. Serão 33 MW, que é um volume de energia que pode atender até 100 mil pessoas.

JC - A pandemia de Covid-19 ainda gera apreensão quanto aos reflexos na operação das cooperativas de eletrificação rural?

Hennemann - Continua preocupando. Porque o cenário econômico alterou bastante. Tivemos aumento de inflação, de juros, houve redução na capacidade de compra, o que é reflexo da pandemia. E o maior problema é o encarecimento das matérias-primas. Se for comprar aço ou cimento hoje, para fazer uma usina, os valores são elevadíssimos. O próprio cenário dos combustíveis prejudica e deixa o setor apreensivo. A guerra na Rússia (com a Ucrânia)



Com o preço dos combustíveis, se enxerga o aumento do uso do carro elétrico no futuro próximo

também está dificultando a aquisição de produtos, pressionando os preços. Mas eu espero que seja passageiro, que logo as coisas entrem em um patamar de equilíbrio.

JC - O programa estadual Energia Forte no Campo entrou na sua terceira fase. Qual a sua avaliação, até agora, dessa iniciativa que busca reforçar a estrutura de fornecimento de energia no meio rural?

Hennemann - Essa terceira etapa do programa foi lançada em maio, com recursos de R\$ 40 milhões (foram selecionados 128 projetos, em 66 municípios gaúchos, totalizando 441 quilômetros de extensão de rede de distribuição de energia elétrica no meio rural) e é um programa específico para as cooperativas. A aplicação desse montante é muito importante. Estamos fazendo com que o meio rural gere emprego, renda e desenvolvimento.

JC - Mas, o que a iniciativa muda no dia a dia das pessoas?

Hennemann - Com a energia monofásica (um dos principais objetivos do programa é dar robustez à rede elétrica), ficamos limitados a uma certa potência. Já com a energia trifásica, se tem uma potência bem maior para utilizar. A monofásica abre uma possibilidade inicial, mas, para que se possa desenvolver uma atividade produtiva maior, é preciso a energia trifásica.

JC - Além de energia, as cooperativas têm trabalhado para levar a internet ao meio rural. Ainda há uma procura muito intensa por esse serviço?

Hennemann - A demanda é grande e sabemos que a internet é um diferencial para o nosso produtor rural. Ele precisa ter uma internet de qualidade, não somente para desenvolver a sua atividade, mas também pensando no futuro, para que as gerações mais jovens fiquem no campo, dando continuidade ao trabalho. A ampliação dos serviços de internet na área rural vai continuar sempre, não é algo que se estanca.

JC - Tradicionalmente, a energia que as cooperativas repassavam aos seus associados era suprida pela distribuidora regional mais próxima (no Rio Grande do Sul, por exemplo, muitas cooperativas recorriam à RGE nessa ação). No entanto, a perspectiva agora é de o sistema cooperativo recorrer à compra no Ambiente de Contratação Livre?

Hennemann - É uma tendência. Hoje, praticamente, todas as cooperativas já estão adquirindo grande parte da energia no mercado livre. Continua sendo atrativo, inclusive algumas estão se associando para



Hennemann afirma que o sistema está apostando no mercado livre

comprar um montante maior (de energia) para garantir uma energia mais barata para o associado. Atualmente, por exemplo, a Certel tem um preço em torno de 30% menor do que as grandes concessionárias. Reduzindo o custo da energia, é possível repassar isso para o associado.

JC - Quanto da sua energia a Certel tem contratada no mercado livre?

Hennemann - Cerca de 90%.
JC - Falando ainda na Certel, em que etapa se encontra o projeto da PCH Vale do Leite que a cooperativa pretende construir entre os municípios de Pouso Novo e Coqueiro Baixo, no rio Forqueta?

Hennemann - Ainda estamos na fase de projeto, com o orçamento pronto, mas dependemos de questões legais, como, por exemplo, a licença de instalação. Ao sair a licença, começamos a obra. A parte de financiamento está resolvida, só depende do licenciamento.

JC - A licença deve sair ainda este ano?

Hennemann - Acredito que sim. E, a partir do começo das obras, leva cerca de um ano e meio para ficar pronta a usina.

JC - Qual o investimento previsto atualmente no projeto e qual será a capacidade do empreendimento?

Hennemann - A estimativa hoje é na ordem de R\$ 60 milhões para uma potência de 6,4 MW.

JC - Para 2022, qual o investimento total previsto pela Certel?

Hennemann - Para este ano, vamos ultrapassar os R\$ 100 milhões.

JC - Recentemente, a Certel inaugurou a subestação de energia Forquetinha. Qual é a importância desse empreendimento?

Hennemann - É uma subestação que vai liberar energia para a região de Lajeado e Forquetinha,

Fecoergs

- **Fundação e sede:** 09/09/1971, sediada atualmente em Porto Alegre
- **Km de redes:** 65 mil
- **Municípios de atuação:** 369
- **Associados:** 309 mil famílias associadas, representando mais de 1 milhão de gaúchos
- **Número de cooperativas:** 25, sendo 15 de distribuição de energia e 10 de desenvolvimento e geração

uma área que está crescendo bastante, principalmente, nos setores rural e residencial. O investimento no complexo, totalmente da Certel, foi da ordem de R\$ 10 milhões e foi financiado pelo Sicredi Lajeado. Uma intercooperação, uma cooperativa financiando outra cooperativa, esse é um modelo que falamos muito e precisamos buscar isso.



A ampliação dos serviços de internet na área rural vai continuar sempre, não é algo que se estanca